

VIGOTSKI, LEV

Anton Yasnitsky¹

Lev Vigotski (1896–1934) é o psicólogo russo mais celebrado, tanto na Rússia como no mundo. Sua popularidade hoje é tão imensa que alguns autores referem-se a um “Vigotski boom” ou, de modo mais cético, um “culto a Vigotski”. Ainda, simultaneamente, Vigotski é o mais controverso, misterioso, e autocontraditório psicólogo russo.

Milhares de artigos acadêmicos laudatórios, que uniformemente glorificam Vigotski como o virtual fundador de qualquer ideia em psicologia e educação, são contrabalançados por uma menos frequente, porém bem mais sólida, crítica à massa de “versões de Vigotski” existentes na Rússia e no Ocidente. Com mais frequência, a literatura crítica vigotskiana identifica as interpretações ocidentais de Vigotski como chave para o problema de “entender Vigotski” (van der Veer & Valsiner, 1991) e chama a um retorno para os “textos originais”, i.e. textos de Vigotski traduzidos ao inglês (Miller, 2011). Entretanto, isso dificilmente resolve a questão: as traduções são altamente problemáticas, inadequadamente seletivas, e até largamente distorcidas em certas partes (van der Veer & Yasnitsky, 2011). Além disso, até os textos russos de Vigotski que foram publicados postumamente na União Soviética surgem bastante editados, censurados por suas sentenças incorretas sob um ponto-de-vista político, e até mesmo forjadas (para discussão de um caso da chamada “falsificação benigna” e problemas associados, ver Yasnitsky, 2012). Sob estas circunstâncias, a mais confiável

¹ Tradução do verbete de enciclopédia: Yasnitsky, A. (no prelo, 2014). Vygotsky, Lev. In D.C. Phillips (Ed.), *Encyclopedia of educational theory and philosophy*. Sage Publications: Thousand Oaks, CA. Nascido na Ucrânia, Anton Yasnitsky obteve seu PhD no Ontario Institute for Studies in Education, University of Toronto (em Toronto, Canadá). Atualmente, continua trabalhando como pesquisador independente na mesma cidade.

Traduzido do inglês por Gisele Toassa, durante estágio pós-doutoral na York University, Toronto, Canadá, com vistas a mediar as apresentações do autor em sua visita ao Brasil (em agosto de 2014). Apoio: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior, Ministério da Educação, Brasil).

“versão de Vigotski” parece ser a que desenvolve-se nos recentes estudos e publicações do grupo de estudiosos “reversionistas”, cuja pesquisa está solidamente balizada em materiais arquivísticos, históricos e textuais (ver Yasnitsky, 2010; 2012). Esta narrativa revisionista necessariamente toma em conta a história de vida de Vigotski e seus associados russos e internacionais em relação com o contexto da história sociocultural do Período Entreguerras, e trata (a) da base axiomática e dos princípios fundamentais do pensamento de Vigotski, (b) das atividades de seu primeiro período, o “instrumental”, dos anos 1920, e (c) a dramática “revolução holística” no pensamento de Vigotski e sua luta por uma teoria integrada da consciência humana e do desenvolvimento sociobiológico e histórico-cultural, nos anos 1930.

Base axiomática e princípios fundamentais

Os estudos vigotskianos são frequentemente criticados por atribuir a Vigotski certas “ideias pioneiras” que, de fato, não lhe pertenciam e, em uns poucos casos, eram amplamente compartilhadas por muitos de seus contemporâneos. Pode-se dizer que o conjunto das atitudes, crenças e valores de Vigotski que constitui a base axiomática de sua teoria pertence a este conjunto compartilhado de ideias revolucionárias do meio intelectual russo do início do Século XX. A maioria delas diverge de nossas ideias sobre o mundo, ao menos da perspectiva “ocidental” contemporânea.

Primeiro, como filho de seu tempo, Vigotski passou toda sua juventude no ambiente cultural da cidade provinciana de Gomel, dentro das fronteiras da Zona de Assentamento Judeu na região ocidental do Império Russo. Sendo criado em uma próspera e não-religiosa

família judia², Vigotski recebeu um treino extensivo em um amplo espectro de assuntos, mas sempre se apoiando na literatura, artes, teatro, história do povo e cultura judaica. Seus primeiros escritos do período de estudos na Universidade de Moscou (1913-1917) refletem seu interesse no tópico da crítica literária, romantismo na tradição germânica de Wilhelm Humboldt e seguidores, misticismo, preocupação com a “questão judaica” e uma atitude bastante crítica com relação ao socialismo e ideias correlatas de transformação da sociedade. Uma imensa, realmente dramática transformação de todo sistema de valores teve lugar logo após a Revolução Socialista de 1917, liderada pela facção bolchevique do Partido Social-Democrático Russo (posteriormente, rebatizado de Partido Comunista). Entretanto, o historicismo “romântico” e a preocupação com literatura, arte, linguagem e cultura permaneceram no conjunto das ideias fundamentais de Vigotski até os últimos dias da vida dele.

Segundo, é virtualmente impossível entender adequadamente Vigotski fora do contexto da cultura utópica presente na crença, amplamente compartilhada, acerca da possibilidade de transformação radical de todo quadro social, a qual Vigotski esposou de todo coração logo após a Revolução de 1917. Esta ideia soviética não era muito original, ecoando uma ampla gama de movimentos modernistas do início do Século XX, como o movimento progressista americano³. Entretanto, o que distinguiu o tipo soviético de progressismo foi a firme convicção de que a natureza humana – similarmente à vida social – tornou-se o objeto

² Em inglês: *secular Jewish Family* (literalmente: família judia secular). Segundo Yasnitsky (comunicação pessoal, 05/08/2014), a família de Vigotski provavelmente observava todas as tradições (feriados, socialização das crianças com base nos rituais e história judaica etc), mas não praticava cotidianamente a religião. Vale ressaltar que ser judeu no Império russo (bem como em outras partes do mundo) dependia não só da identidade reconhecida pelo grupo, mas também da percepção – e, não raramente, do antissemitismo dos círculos não-judeus (N. da T.).

³ Yasnitsky refere-se ao amplo movimento de reforma social nos Estados Unidos, ocorrido dos 1890s aos 1920s. Os progressistas eram uma heterogênea rede de ativistas que buscavam desde a radicalização da democracia (por meio de mecanismos fortalecedores de uma democracia direta) quanto o aperfeiçoamento da sociedade com base em princípios derivados do taylorismo. Em alguma parte desse espectro situou-se John Dewey, sua filosofia e propostas educacionais (N. da T.).

de intervenções experimentais prometeicas⁴, e que uma das metas da época pós-revolucionária era a criação de um tipo humano novo, mais avançado; um estágio mais elevado da evolução humana, um “novo homem”, ou algo como um “super-homem” genial. Em seus vários escritos de meados dos 1920, Vigotski claramente proclamou seu compromisso com a missão messiânica de criar uma nova, revolucionária, teoria psicológica da psique humana e consciência. Além disso, de encontrar métodos científicos concretos de produção normativa de “novos” “mais elevados”, seres humanos para o futuro comunista.

Terceiro, outro importante elemento constitutivo da base axiomática de Vigotski foi seu envolvimento com a base filosófica oficial da maior parte da pesquisa científica nas humanidades e ciências sociais na União Soviética – a filosofia do marxismo. O marxismo de Vigotski tinha pouco a ver com teoria econômica ou suas interpretações políticas contemporâneas. Além disso, em alguns de seus escritos ele claramente expressa dissabor quanto à aplicação direta das ideias marxistas à teoria psicológica geral. Ao invés disso, em um nível mais elevado de generalização, Vigotski empresta do marxismo certos princípios que pareciam promissores para lidar com os problemas por ele identificados nas ciências humanas. Uma dessas ideias é o imperativo de analisar qualquer fenômeno como um processo dinâmico, historicamente desenvolvido, ao invés de estático. Outra ideia importante é o papel orientador do intercâmbio interpessoal, do diálogo, cultura e sociedade no desenvolvimento humano.

Todos esses princípios gerais e crenças compartilhadas por Vigotski com muitos de seus contemporâneos inspiraram seu trabalho de modos diversos – e, com muita frequência, contraditórios entre si.

⁴ O adjetivo de Yasnitsky alude ao titã Prometeu (ser da mitologia grega), símbolo da encarnação do engenho humano na transformação da natureza. Tendo roubado o fogo dos deuses para benefício dos homens, Prometeu recebeu de Zeus a punição de ser atado a uma rocha, onde, a cada dia, uma águia vinha dilacerar-lhe o fígado – órgão que se regenerava também diariamente (N. da T., com o auxílio do filósofo Eduardo Carli de Moraes).

“Psicologia Instrumental”

Embora Vigotski tenha escrito copiosamente acerca dos tópicos do desenvolvimento humano e educação, ele, virtualmente, nunca realizou estudos em contextos educacionais. Ao invés disso, a principal esfera de aplicação de seus talentos durante a década mais produtiva de sua carreira (1924-1934) foi o campo da educação especial, ou “defectologia” tal como nomeada na União Soviética. A partir da analogia com pessoas portadoras de deficiência usando recursos especiais para compensar suas limitações físicas, e da construção sobre sua fascinação juvenil com a ênfase romântica nos processos culturais, Vigotski criou uma mistura das duas e propôs a ideia de “mediação cultural”, ou seja, o uso de “ferramentas psicológicas” especiais que são instrumentais no desenvolvimento humano por ajudarem os indivíduos a ganhar controle sobre seus próprios processos psicológicos. A dimensão utópica, prometeica do pensamento de Vigotski é particularmente clara em seu propósito de construir uma “teoria do desenvolvimento cultural das funções psicológicas” com base na pesquisa do uso individual de instrumentos especiais para dominar de seu próprio comportamento, de modo a alcançar estágios mais elevados, mais avançados de desenvolvimento cultural. Em uma série de estudos experimentais que Vigotski conduziu com seus associados em 1920, ele mostrou como as crianças que usavam “estímulos” ou “signos” auxiliares especiais aprendiam a dominar as próprias “funções psicológicas” nos contextos experimentais usados para estudar a resolução de problemas, e podiam eventualmente desenvolver funções “mais elevadas”, como memória lógica ou atenção voluntária. A ideia de “ferramentas psicológicas” na facilitação do desenvolvimento, de acordo com o Vigotski dos anos 1920, supunha demonstrar o papel da cultura como instrumento do desenvolvimento cultural, “mediado”. A segunda ideia geral mais importante do “período instrumental de Vigotski – a origem social da mente humana – balizou-se na observação da performance de crianças nessas situações de

solução de problemas, que levaram o autor a citar extensivamente o francês Pierre Janet, que, em sua lei geral de desenvolvimento cultural, afirmou que cada processo psicológico em desenvolvimento passa do externo, interpessoal, para o estágio interno, intrapessoal, ou, em outras palavras, “internaliza-se”.

As ideias deste período expressaram-se em vários artigos acadêmicos que Vigotski publicou nos anos 1920. Também, ele tentou formular uma teoria geral “instrumental” do desenvolvimento cultural, mas nunca terminou qualquer dos muitos (e vultosos) trabalhos nos quais se envolveu nessa época. Esses manuscritos rascunhados, entretanto, foram acriticamente publicados após a morte de Vigotski sob títulos que nunca apareceram nos registros do autor (p.e., *A História do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores*), com consideráveis omissões e intervenções editoriais, e, subsequentemente, creditados como veículos da essência da teoria de Vigotski.

Para uma teoria “holística”

Aparentemente, no fim dos anos 1920 ou no início dos 1930, Vigotski experimentou uma substantiva crise pessoal e profissional causada pela sua grande insatisfação com o estado de sua teoria, combinada com fatores pessoais, sociopolíticos e teóricos. Em diversas ocasiões, em seus artigos, apresentações orais, manuscritos, notas privadas, e correspondência pessoal com seus associados, Vigotski expressou sua crítica da teoria deles sobre o desenvolvimento cultural devido ao excesso de abstração e de falta de clareza na sua aplicabilidade prática, além da radical separação entre as funções psicológicas mais baixas e elevadas, a ênfase nos signos e a ignorância do mundo das significações, o intervalo entre fenômenos intelectuais, volitivos e emocionais, e a negligência da natureza estrutural e sistêmica de virtualmente todos os processos psicológicos. Todo sistema de conceitos teóricos

atravessava substantiva reconstrução e reformulação em sua mente. Essa mudança radical pode ser melhor compreendida como transição dramática do “instrumentalismo” de seu período inicial ao “holismo” dos últimos três anos de sua vida (1932-1934).

Vigotski desenvolveu perspectivas “holísticas” de acordo com sua consciência (romântica e marxista) da prioridade da personalidade, cultura e consciência, e sob a influência dos pesquisadores alemães da Escola da Gestalt, muitos dos quais ele e seus associados conheceram pessoalmente, com os quais trocaram correspondência, e colaboraram. O holismo postula a prioridade e dominância do todo sob os seus elementos constitutivos, átomos, componentes, e partes; como resultado, o holismo trata o ser humano como um organismo total, integrado, mais do que um mecanismo composto, prontamente analisável em partes. Foi durante o período holístico que Vigotski abandonou suas especulações mecanicistas iniciais sobre estímulos, reflexos, “instrumentos psicológicos”, e reações, e argumentou energicamente contra a pesquisa de elementos, e em favor da “análise por unidades” que preservam todas as características do todo. Nos escritos desse período, Vigotski especulou sobre algumas dessas tais “unidades de análise” que levariam em conta características sociais, pessoais, intelectuais, emocionais e biológicas de um ser humano com seu ambiente psicológico.

Talvez a noção mais famosa de Vigotski, a “zona de desenvolvimento próximo”, que designa a diferença entre o nível que uma criança poderia alcançar ao agir sem assistência e aquele nível obtido com performance assistida, foi introduzida nos escritos de Vigotski dos seus dois últimos anos da vida (1933-1934), mas – como muitos de suas outras ideias inovadoras do período – permaneceu apenas brevemente rascunhada, não operacionalizada, e teoricamente subdesenvolvida.

A história da importação de ideias de Vigotski para o Ocidente é bem documentada (Valsiner, 1988) e marcada por publicações dos anos 1930s, 1960s e 1970s que foram

iniciadas majoritariamente por intelectuais de esquerda, simpáticos à União Soviética ou pró-socialistas, os quais lutavam para trazer de volta às ciências humanas os temas da cultura, mente, significado e consciência (ver Bruner, 1990). Mas não se atingiu real popularidade para Vigotski na América do Norte até os anos 1980s, quando as ideias dele foram amplamente disseminadas, primariamente, entre educadores, e apresentadas, de modo bastante errôneo, em agudo contraste com as ideias de Jean Piaget, que permanecera como cultuada figura ao longo dos anos 1960s e 1970s.

Entretanto, a despeito do atual “Vigotski boom” na América do Norte, a versão importada da teoria do autor no Ocidente falhou em preservar toda complexidade da original, sendo amplamente fragmentada, se não mal conduzida. Eis porque a celebrada noção da “zona de desenvolvimento próximo” foi disseminada como ideia de que a criança aprende a partir de um *input* externo de um “outro conhecedor” que, por um lado, está bem distante do significado vago e impreciso dessa expressão em vários dos escritos de Vigotski de 1933-1934, e, por outro lado, de fato, está bem de acordo com o pensamento behaviorista hegemônico sobre aprendizagem e desenvolvimento, com sua ênfase em “reforço” externo. Portanto, é a teoria e prática da avaliação dinâmica, em rápido desenvolvimento (ver, p.e., Haywood & Lidz, 2006), que permanece talvez a aplicação educacional mais notável, concreta, e importante das ideias inspiradas por Vigotski no sistema educacional ocidental. Por outro lado, é o potencial holístico e integrativo da ciência do desenvolvimento advogada pelo “Mozart” e o “Beethoven da psicologia” (respectivamente, Vigotski e seu mais próximo e importante associado, Alexander Luria, ver Toulmin, 1978) que tem sido amplamente ignorado até hoje, sendo novamente posta à prova na renovada proposta de “ciência romântica” (Sacks, no prelo) da psicologia histórico-cultural integrativa e da psicologia biossocial (Yasnitsky, van der Veer, Ferrari, no prelo).

Ver também (na Enciclopédia): Pesquisa ação; Bruner, Jerome; Desenho de Experimentos; Teoria Mediadora da Mente; Michael Cole; Educação Progressista e Seus Críticos; Desenvolvimento da Autorregulação; Teoria Cognitiva Social; Utopias.

Leituras sugeridas

- Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press. Haywood, H. C., & Lidz, C. S. (2007). *Dynamic assessment in practice: Clinical and educational applications*. New York: Cambridge University Press.
- Miller, R. (2011). *Vygotsky in Perspective*. New York: Cambridge University Press.
- Sacks, O. (in press). Luria and "Romantic Science". In A. Yasnitsky, R. van der Veer & M. Ferrari (Eds.), *The Cambridge Handbook of Cultural-Historical Psychology*. New York: Cambridge University Press.
- Toulmin, S. (1978, September 28). The Mozart of psychology. *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes* by L.S. Vygotsky, edited by Michael Cole, by Vera John-Steiner, by Sylvia Scribner, by Ellen Souberman, *The Psychology of Art* by L.S. Vygotsky, *Soviet Developmental Psychology: An Anthology* edited by Michael Cole. *The New York Review of Books*, 14, 51-57.
- Valsiner, J. (1988). *Developmental psychology in the Soviet Union*. Brighton, Sussex: Harvester Press.
- van der Veer, R., & Valsiner, J. (1991). *Understanding Vygotsky. A quest for synthesis*. Oxford: Blackwell.
- van der Veer R., Valsiner J. (Eds.). *The Vygotsky Reader*. Oxford: Blackwell.1994. van der Veer, R. & Yasnitsky, A. (2011). Vygotsky in English: What still needs to be done. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 45(4), 475-493.
- Yasnitsky, A. (2010). "Archival revolution" in Vygotskian Studies? Uncovering Vygotsky's archives. Guest Editor's Introduction. *Journal of Russian and East European Psychology*, 48(1), 3-13.
- Yasnitsky, A. (2012). Revisionist Revolution in Vygotskian Science: Toward Cultural-Historical Gestalt Psychology. Guest Editor's Introduction. *Journal of Russian and East European Psychology*, 50(4), 3-15.
- Yasnitsky, A., van der Veer, R., & Ferrari, M. (Eds.). (in press). *The Cambridge*

Handbook of Cultural-Historical Psychology. New York: Cambridge University Press.